

O ESPORTE EM UM CENÁRIO PÓS E NEO-OLÍMPICO: VISÕES DE KÁTIA RÚBIO SOBRE O OLIMPISMO, JORNALISMO, JOGOS ABERTOS DO INTERIOR E O IMPACTO DO CORONAVÍRUS NA REALIZAÇÃO DOS JOGOS DE TÓQUIO 2020

Luciano Victor Barros Maluly¹
Gustavo de Araújo Longo²

Data de recebimento: 29/10/2020

Data de aceite: 02/07/2020

Resumo

A jornalista e psicóloga Katia Rubio é professora associada da Escola de Educação Física e Esporte da USP. Considerada uma das principais referências dos estudos olímpicos no Brasil, também é membro da Academia Olímpica Brasileira e coordena o Grupo de Estudos Olímpicos da EEFÉ-USP. Nesta entrevista, Rubio traz considerações sobre o papel do jornalismo esportivo em um cenário de mudança no Movimento Olímpico e seus efeitos na cobertura de grandes eventos esportivos nacionais e internacionais, inclusive sobre o impacto do Coronavírus (COVID 19) na realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Jogos Olímpicos. Jogos Abertos do Interior. Katia Rubio.

SPORT IN A POST AND NEO-OLYMPIC SCENARIO: KATIA RÚBIO'S VIEWS ON OLIMPISM, JOURNALISM, OPEN GAMES FROM THE INTERIOR AND THE IMPACT OF THE CORONAVIRUS ON THE PERIOD OF TOKYO GAMES 2020

Abstract

The journalist and psychologist Katia Rubio is Associate Professor at the School of Physical Education and Sports of the University of São Paulo. Considered one of the main references of Olympic studies in Brazil, she is also a member of the Brazilian Olympic Academy and Coordinator of the Olympic Studies Group of the EEFÉ-USP. In this interview, Rubio brings up considerations about the role of the sports journalism in a

¹ Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo - pela Universidade Estadual de Londrina (1995), Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1998), Doutorado em Ciências da Comunicação (2002) e Livre-Docência (2016), ambos pela Universidade de São Paulo, além de Pós-Doutorado na Universidade do Minho, em Portugal (2011). Atua como professor e pesquisador na Universidade de São Paulo (USP), com experiência na área de Comunicação, com ênfase em radiojornalismo e jornalismo esportivo. E-mail: lumaluly@usp.br

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA-USP). Bolsista CAPES. E-mail: gu.longo@usp.br

scenario of change in the Olympic Movement and its effects on the coverage of major national and international sporting events, including the impact of Coronavirus (COVID 19) in the Tokyo 2020 Olympic Games

Keywords: Journalism. Sports Journalism. Olympic Games. Interior Open Games. Katia Rubio.

Introdução

Katia Rubio queria seguir carreira no vôlei e dar aula de Educação Física, mas sua primeira formação foi de jornalista, com o bacharel obtido na Faculdade Cásper Líbero em 1983. Foi apenas com a sua segunda graduação, já na década de 90, que ela encontrou o assunto que molda sua vida desde então. Formada em Psicologia pela PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo, em 1995, resolveu dedicar sua pesquisa e seus estudos à utilização da psicologia no âmbito esportivo, uma categoria pouco difundida no país naquele momento (e que segue em segundo plano ainda hoje). Uma das pioneiras da área, dedicou seu Mestrado em Educação Física e o Doutorado em Educação ao tema - concluídos na Universidade de São Paulo em 1998 e 2001, respectivamente.

Não bastasse os estudos de psicologia do esporte, sua pesquisa no doutorado a conectou com uma velha paixão de sua infância: os Jogos Olímpicos. Se não conseguiu alcançar as Olimpíadas como atleta, Katia Rubio passou a dedicar seu conhecimento sobre o tema, analisando o atleta olímpico brasileiro em suas dimensões emocionais e sociais. Grande parte de livros publicados e organizados giram em torno deste tema, relacionando com os mais diversos assuntos, como educação, gênero, ética e psicologia. Integra a Academia Olímpica Brasileira e coordena o Grupo de Estudos Olímpicos. O conhecimento sobre o Movimento Olímpico a fez ser colunista do jornal Folha de São Paulo e em 2015, após anos de pesquisa, publicou o livro “Atletas Olímpicos Brasileiros”, com a biografia e as histórias de todos os atletas que competiram pelo país em uma edição dos Jogos Olímpicos.

Com pesquisa voltada para o Imaginário Esportivo, Narrativas Biográficas e Psicologia Social do Esporte, Katia Rubio é professora associada da Escola de Educação Física e Esporte da USP e pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados da USP. Foi coordenadora do Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano (CESC) e presidente-fundadora da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte. Nesta entrevista, a pesquisadora retoma suas visões sobre o jornalismo e faz considerações sobre a cobertura jornalística em torno dos Jogos Olímpicos (em um momento de crise do olimpismo) e seus efeitos na construção noticiosa nos demais eventos esportivos, inclusive diante de pautas complexas como a dos negócios e de pandemias, como o Coronavírus (COVID 19).

Entrevista

A sua proposta atual contrapõe o neo-olimpismo ao pós-olimpismo. Contudo, o jornalismo ainda usa o termo olímpico. O que diferencia uma visão da outra?

Katia Rubio: A proposta olímpica nasce da construção utópica de Pierre de Coubertin, de ter o esporte como fenômeno social capaz de promover a paz, educar e transformar o mundo. Nasce no final do século 19, em um planeta dominado pelo conflito e por uma perspectiva eurocêntrica. Ele pauta nessa visão cavalheiresca, inglesa e de gentileza que a gente sabe que é uma grande mentira, mas que assenta aquilo que chamamos de *fair play* do esporte e de amadorismo. É basicamente um mundo aristocrático, dominado por valores burgueses e que deixa de fora tudo aquilo que não interessa a esse grupo social.

Isso persiste no Movimento Olímpico como um dogma ao longo do século 20. Com o advento da Guerra Fria e da compreensão de que o esporte era mais do que essa atividade de ócio, há a entrada de grandes empresas que entenderam rapidamente que a imagem do atleta agregava valor a seus produtos. Assim, começa todo um sistema de corrupção desse ideal do amadorismo. O limite dessa concepção olímpica se dá com o prejuízo dos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976. Era tempo de rever essa posição e abrir para o profissionalismo, tanto dos atletas como da estrutura do Comitê Olímpico Internacional. É o que chamo atualmente de pós-olimpismo. Junto a isso vem a desconstrução de um discurso ético pautado nos valores. Os interesses comerciais chegam com toda a potência ao longo desses quarenta e, como todo processo predatório, há o esgotamento dos recursos. O que era uma grande fonte de projeção começa a se esvaír - e o que vemos é que os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, marcam o fim dessa fase de pós-olimpismo.

O neo-olimpismo seria um retorno desse conceito original?

Katia Rubio: É uma busca de resgate desse conceito original que não tem volta, mas que é uma reaproximação com os valores originais - o que é um grande paradoxo.

Exatamente, como seria essa relação do *fair play* com a busca incessante pela vitória em uma sociedade capitalista?

Katia Rubio: A busca pelo *fair play* é o de menos porque os grupos sociais são mediados pelas regras. Se você não tem o *fair play* informal, tem o formal que é o cumprimento das regras. A questão central é que, sem perder o valor do capital, se busca materializar os valores olímpicos. De que forma? Valorizando a figura do atleta, falando de empoderamento feminino, transparência, etc. Do ponto de vista de resgate do valor inicial, é uma balela. Mas do ponto de vista do marketing, isso tem um grande apelo mercadológico. A gente sabe que nada mudou. O que nós temos hoje é a possibilidade de que as coisas venham a público muito mais facilmente do que antes porque não havia abuso do poder de comunicação como se tem hoje. Agora, ou se é transparente ou não. Enquanto isso, o COI fecha o cerco sobre aquilo que poderia ser público. Por exemplo: é cada vez mais cara a imagem do atleta em Jogos Olímpicos e isso ninguém discute. É como se fosse uma cláusula pétrea! Mas, enquanto isso, segue falando que valoriza o atleta e combate o *doping*. É isso que chamamos de neo-olimpismo.

Qual seria o papel dos meios de comunicação nesse momento de transição? Auxiliam ou são agentes dessa balela que você mencionou?

Katia Rubio: O jornalismo esportivo não é uma faca de dois gumes; é uma faca de múltiplos gumes. Primeiro existia o jornal impresso. Depois tem o fenômeno do rádio, com uma ampliação da abrangência da transmissão que passa, necessariamente, pelo locutor e jornalista. Depois, há o cinema na década de 1930 com a figura de Leni Riefenstahl nos Jogos de Berlim, em 1936, e posteriormente tem a televisão na década de 60. Hoje, nós temos todas as mídias que multiplicam aquilo que, a princípio, era restrito a um pequeno grupo e tutelado pelas instituições esportivas. Ou seja, você tinha um tipo de informação construída já direcionada e tinha os jornalistas independentes que nem sempre tinham acesso a essas informações. Mobilizado pelo discurso emocional do esporte, que é uma linguagem que sensibiliza e emociona, se perde de vista tudo aquilo que está por baixo do tapete, mas que determina ação feita sobre o tapete. A quem esse jornalismo está servindo?

Podemos falar de uma diferenciação entre o jornalismo olímpico e o jornalismo esportivo nesse sentido?

Katia Rubio: Não vejo. Eu acho que os Jogos Olímpicos são um evento esportivo e quando você usa...

Os valores do olimpismo seriam os valores do esporte?

Katia Rubio: Certamente! Mas há uma tentação em ceder ao adjetivo porque ele é absolutamente envolvente. Carregar a expressão "olímpico" ou a sua representação na forma de anéis te distingue de todo o resto. Então, qual a necessidade de falar em jornalismo olímpico? É a de fazer parte desse grupo seleto? Ou seja, fazer o jogo que se quer fazer? Não! Os Jogos Olímpicos são um fenômeno esportivo. Ponto! Como outros eventos esportivos que, inclusive, não estão no programa olímpico ou que fizeram parte, mas estão fora. O Beisebol não é um esporte? Mas deixará de ser olímpico após 2024.

Em compensação, o *Breakdancing* se tornará olímpico.

Katia Rubio: Exato! Essa fetichização do adjetivo "olímpico" leva a uma tentativa de criação dessas ilhas que são absolutamente ficcionais e que fazem o jogo que o Comitê Olímpico Internacional quer fazer.

Então, do ponto de vista comunicacional, é possível usar as mesmas técnicas utilizadas na cobertura dos Jogos Olímpicos em outros eventos, como os Jogos Abertos do Interior do Estado de São Paulo?

Katia Rubio: Os meios de comunicação tentam reproduzir essa mesma esfera dando ao evento regional esse caráter universal. Não é à toa que tem cerimônia de abertura, tocha e desfile de delegação. Isso é um padrão criado em 1932 e que dá aos Jogos Olímpicos essa aura de algo absolutamente inédito.

Todos os outros campeonatos se espelham nisso para tentar, de alguma forma, mostrar sua identidade com esse fenômeno maior.

Mesmo sendo uma identidade copiada de outro evento?

Katia Rubio: Ninguém vai entender de onde aquilo foi copiado. É o que Eric Hobsbawn [*historiador britânico*] chama de tradição inventada. Inventou-se uma tradição que passa a ser seguida porque agora é uma tradição! A Cerimônia da Tocha foi inventada para os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, por um sujeito chamado Carl Diem, um dos grandes apoiadores de Joseph Goebbels, o responsável pela comunicação do regime nazista.

No caso dos Jogos Abertos do Interior do Estado de São Paulo, o fato de ser conhecida como “Olimpíada Caipira” nos meios de comunicação seria a mesma coisa?

Katia Rubio: Sim, porque todo mundo quer o adjetivo. Ele, por si só, já carrega todo o conceito desenvolvido ao longo do século.

Como se dá esse trabalho jornalístico em um evento como os Jogos Abertos do Interior?

Katia Rubio: É interessante pensar que o atleta que defende uma cidade é muito próximo da população - diferentemente do atleta olímpico, que é um sujeito inatingível e acessível apenas para quem transita no topo. O atleta dos Jogos Abertos é alguém da comunidade. Mesmo aqueles que apenas jogam pela cidade, mas não são de lá, são vistos como alguém local. Essa proximidade também cria a sensação de pertencimento e da representação. O jornalismo faz desse quase anônimo um herói por alguns dias. Traz para a cidade o herói da mitologia, uma vez que o herói é também o guardião da cidade. Então, esse atleta, em certo sentido, reproduz esse imaginário heroico.

Acredita que deveria ter alguma coisa a mais nessa cobertura jornalística?

Katia Rubio: Eu vejo muito jornalista esportivo mal formado para o esporte. A cobertura jornalística reproduz o senso comum e a desinformação. Para fazê-la de forma eficiente e produtiva para o esporte, o repórter tem que conhecer mais o próprio esporte, a sociologia, a política, a economia para parar de falar bobagem. Tem notícias que eu vejo e não acredito que o profissional teve coragem porque simplesmente apertou o Google, pegou a primeira notícia e acha que já deu. E não é assim.

Retomando o conceito de neo-olimpismo, como fica a relação do jornalismo esportivo com os eventos regionais na comparação com os Jogos Olímpicos? Dá para imaginar um efeito cascata desses efeitos?

Katia Rubio: Certamente. Hoje, em função da multiplicação dos meios de comunicação, qualquer um pega o microfone e fala o que quiser ou pega uma câmera e grava o que quiser. Quem é que faz a regulação da notícia boa ou ruim? Não são os *likes* na Internet que vão dizer se algo é bom ou não. Acho que a gente vive uma grande crise: de credibilidade e de identidade - e o jornalismo também faz parte disso. O jornalismo também tem que se repensar neste momento. Não é simplesmente por a imagem no ar e receber um *like* que aquilo significa que foi bom.

Atualmente, o mundo está em alerta com a pandemia do Coronavírus (COVID-19), que levou ao cancelamento de diversos eventos esportivos, colocando em xeque a organização dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em julho de 2020. Em um momento de crise como agora, qual seria a pauta esportiva e olímpica nos meios de comunicação?

Katia Rubio: A pauta olímpica seria a de cumprir os valores olímpicos, que é o Código de Conduta do Movimento Olímpico e das práticas que se espelham nele. Os valores buscam nortear as atitudes e ações de todos os envolvidos nas atividades olímpicas e esportivas, sejam eles atletas, técnicos e dirigentes. Buscam combinar esporte, educação e cultura. Os valores buscam pelo melhor de si próprio e não necessariamente a superação do outro. Essa condição pode ser estendida a muitos âmbitos da vida, o que implicaria, em última instância, na transformação social. Esses valores são: a excelência, o respeito, a amizade, a coragem, a determinação, a igualdade e a inspiração.

E isso não muda nem mesmo um cenário de crise como o do coronavírus? Uma vez que o melhor de si próprio implica, portanto, tomar medidas de prevenção adequadas contra o avanço da doença?

Kátia Rubio: Sim, a excelência pode ser interpretada como uma medida de proteção. A amizade e o respeito significam seguir as orientações de permanecer em casa e cuidar de si e de quem está próximo. Isso deveria servir igualmente aos dirigentes máximos que retardam a comunicação de adiamento ou suspensão dos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Referências

BASSI, Paula. *A busca pelo sonho olímpico*. Disponível em: <<https://eefeporelas.wordpress.com/portfolio/a-busca-pelo-sonho-olimpico/>> Acesso em 24/02/2020.

RUBIO, Katia. *Currículo do Sistema Lattes*. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0941910739814664>> Acesso em 24/02/2020.

RUBIO, Katia. *Do pós ao neo olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI*. São Paulo: Laços, 2019.

Entrevista:

RUBIO, Katia. Entrevista concedida a Gustavo de Araújo Longo, com pauta e edição de Luciano Victor Barros Maluly e Gustavo de Araújo Longo. Áudio. São Paulo, Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI): Universidade de São Paulo (USP). 14. ago. 2019.